



Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Como as Crianças vêem a Homoparentalidade: Um contributo
para a compreensão do desenvolvimento do preconceito sobre a
orientação sexual

Catarina Roxo Farelo

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Social da Saúde

Orientador:
Professora Doutora Carla Moleiro, Professora Auxiliar,
Instituto Universitário de Lisboa – ISCTE-IUL

Outubro, 2013

Agradecimentos

A ambiguidade de elaborar esta tese: um caminho que, sendo solitário, se faz das pessoas a quem agradeço.

À minha orientadora Dra. Carla Moleiro, que de uma forma ímpar e dedicação incrível me permitiu chegar até aqui, acreditando sempre que era possível mais e melhor e nunca deixando de me acompanhar.

Aos meus pais por estarem comigo nesta tese como ao longo da vida - incondicionalmente. Que me mostram todos os dias o mais importante da vida: com amor, tudo se consegue ser e fazer.

À minha irmã Mafalda, pelo exemplo de que é sempre possível ser-se mais do que se julga e pelo abraço que só uma irmã gémea sabe e pode dar.

À minha irmã Liliana, por estar sempre presente e por toda a preocupação, ao meu cunhado Miguel pela ajuda constante e ao/á sobrinho/a que aí vem que encheu de alegria a última fase da tese.

À minha avó Roxo, por todas as orações e velas acesas.

À minha família, aos mais próximos e ao mais afastados, porque ter uma família (realmente família) será sempre uma bênção.

À Bárbara por me dar a mão todos os dias e em todos os caminhos tornando tudo mais possível e feliz.

À Catarina e ao David, pelo interesse neste caminho e pelas horas bem passadas.

Aos amigos de sempre e de agora, que não exigem a presença e que sabem que a ausência é só física: Margarida, Ana, João, Iolanda e Mafalda.

À Eunice Neta, pela beleza da sua dedicação.

À Casa do Mar, a todos, por me alegrarem nesta fase crucial da tese.

Às directoras do colégio e do ATL onde pude realizar o estudo, por tão prontamente terem aceitado colaborar e às crianças que participaram e tornaram possível, interessante e divertida esta investigação.

A todas as pessoas e famílias LGBT que lutam diariamente por um direito que tem de ser (e é) de todos nós: o de ser pessoa e de ser família.

Agradeço profundamente a Deus por ser o abraço certo em todos os caminhos e por esta certeza inquestionável de que a fé me faz sempre chegar.

Resumo

A presente dissertação foi elaborada com o objectivo de contribuir para a compreensão do desenvolvimento do preconceito acerca da orientação sexual. Neste sentido, apoiando-nos numa linha teórica já existente sobre o desenvolvimento do preconceito infantil, procuramos perceber qual a percepção das crianças acerca das famílias homoparentais. Realizámos um estudo exploratório centrado num questionário baseado na adaptação do *The Bene-Anthony Family Relations Test* (Saphira, 1989), onde participaram 59 crianças entre os 8 e os 10 anos. Esta investigação permitiu-nos concluir que as crianças têm uma percepção negativa relativamente às famílias homoparentais, comparativamente a outras tipologias familiares. Dentro destas famílias, as famílias homoparentais masculinas são pior percebidas que as famílias homoparentais femininas. A percepção que as crianças têm relativamente à atitude dos pais sobre as famílias homoparentais encontra-se associada à percepção das próprias crianças relativamente a essas mesmas famílias. Os resultados são discutidos, bem como implicações para a prática e para a literatura sobre formação e desenvolvimento do preconceito.

Palavras-chave: preconceito, orientação sexual, crianças, homossexualidade, homoparentalidade.

Códigos PsycINFO:

2840 Psychosocial & Personality Development

3020 Group & Interpersonal Processes

Abstract

This dissertation contributes to the understanding of the development of prejudice based on sexual orientation. It is supported by a theoretical background concerning the development of prejudice on children, which was used to understand the infant perception about same-sex parent. The exploratory study is focused on a query based on *The Bene-Anthony Family Relations Test* (Saphira, 1989), in which 59 children aged 8 to 10 years old participated. The results showed that children have a negative perception about same-sex parent families, when compared to other family structures. Within the same-sex parent family universe, the masculine same-sex parent structures were perceived as more negative than female led families. The results also showed that the children's perception is strongly associated, and similar, to their parents' perception about same-sex parent families. This dissertation contemplates the discussion of these results, as well as the empirical and theoretical implication of the development of prejudice.

Keywords: Prejudice, sexual orientation, children, homosexuality, same-sex parenting.

PsycINFO Classification Categories:

2840 Psychosocial & Personality Development

3020 Group & Interpersonal Processes

Índice

	Página
Resumo	i
Abstract	ii
I. INTRODUÇÃO	1
1.1. Definição e justificação do tema	2
1.2. Apresentação da investigação	3
II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	4
2.1. Abordagem da homossexualidade ao longo dos tempos.....	4
2.2. Homofobia e as suas consequências.....	5
2.3 Homoparentalidade.....	6
2.3.1. Estudos sobre as diferenças entre crianças criadas em famílias homoparentais e heteroparentais.....	8
2.4. Desenvolvimento do preconceito.....	9
2.4.1 Preconceito e estereótipos.....	9
2.4.2. Desenvolvimento do preconceito na infância.....	10
2.4.3. Desenvolvimento do preconceito étnico.....	11
2.5 Objectivo do estudo.....	13
III. MÉTODO.....	15
3.1 Participantes.....	15
3.2. Instrumento.....	16
3.3. Procedimento.....	17
IV. RESULTADOS.....	19
4.1. Itens positivos atribuídos às diferentes conjunturas familiares.....	19
4.2. Itens negativos atribuídos às diferentes conjunturas familiares.....	19
4.3. Diferenças entre o sexo na percepção das diferentes conjunturas familiares....	20
4.4. Diferença entre os grupos etários na percepção das diferentes conjunturas familiares.....	22
4.5. Percepção que as crianças têm relativamente à atitude dos pais face as famílias homoparentais.....	23
V. DISCUSSÃO.....	25
VI. REFERÊNCIAS.....	28
VII. ANEXOS.....	33

Índice de tabelas

Tabela 1. Características sociodemográficas dos participantes.....	15
Tabela 2. Caracterização familiar da amostra.....	16
Tabela 3. Média dos itens positivos e negativos atribuídos às diferentes tipologias familiares.....	20
Tabela 4. Diferença do sexo na percepção das diferentes tipologias familiares.....	21
Tabela 5. Diferença entre idades na percepção das diferentes tipologias familiares.....	22
Tabela 6. Percepção das crianças acerca da atitude dos pais.....	23

I. INTRODUÇÃO

1.1. Definição e justificação do tema

O presente estudo centra-se na percepção que as crianças têm sobre homossexualidade através da sua atitude perante a homoparentalidade. O interesse – e necessidade – de realizarmos este estudo baseiam-se em factores que serão descritos ao longo desta investigação tais como (1) a ausência de literatura nesta área de investigação, centrada nas crianças como público-alvo; (2) a tentativa de compreender o desenvolvimento do preconceito das crianças relativamente à orientação sexual, e (3) as mudanças sociopolíticas que têm ocorrido por todo o mundo relativamente à homossexualidade.

Existem várias investigações nacionais e internacionais que abordam a homossexualidade (e.g. Herek, 2000; Nogueira et al, 2010) e a homoparentalidade (e.g. Gato & Fontaine, 2010; Risking & Patterson, 2010) mas é escassa a literatura que aborda o preconceito com base na orientação sexual em que as crianças sejam o público-alvo das investigações. Esta escassez [de investigação] gera uma lacuna aquando da tentativa de compreensão e conhecimento acerca do desenvolvimento do preconceito homofóbico (e.g. com base na orientação sexual homossexual). Nesse sentido, a realização de um estudo nesta área irá permitir perceber como as crianças vêem a homoparentalidade (i.e., de uma forma tão preconceituosa como os adultos) e se existem especificidades no desenvolvimento deste preconceito.

A temática da homossexualidade tem vindo a ser cada vez mais debatida, em Portugal e no mundo, devido a diversas mudanças a nível social e político que têm ganho relevância. Em Portugal existe uma lei que descriminaliza a homossexualidade desde 1982, no entanto, foi apenas em 2004 que a orientação sexual foi incluída na constituição portuguesa – no artigo 13º (princípio da igualdade); em 2010 o casamento civil foi alargado a casais do mesmo sexo (com todos os outros direitos reservados até então a casais heterossexuais, excepto a parentalidade), e no presente ano foi inicialmente aprovada, na generalidade, a lei que permite o alargamento da co-adopção a casais do mesmo sexo – ainda sem aprovação no parlamento. Estas mudanças tornam ainda mais importante que haja um conhecimento acerca da visão dos diferentes elementos da sociedade, pretendendo com este estudo começar a fazê-lo através das crianças.

1.2. Apresentação da investigação

No capítulo 2 desta dissertação será feito um enquadramento teórico acerca da homossexualidade, resumindo o seu percurso na nossa sociedade ao longo dos tempos. Focar-nos-emos sobre a homofobia e as suas consequências, assim como na homoparentalidade, salientando alguns estudos elaborados ao longo dos anos acerca das diferenças entre o desenvolvimento das crianças que vivem em famílias homoparentais e em famílias heteroparentais. Ainda dentro deste capítulo, abordaremos o desenvolvimento do preconceito, principalmente o preconceito étnico, estabelecendo uma relação entre a teoria existente sobre este preconceito e a sua possível semelhança com o desenvolvimento do preconceito baseado na orientação sexual.

No capítulo 3 constam a descrição metodológica do trabalho, sendo caracterizada a amostra e apresentados os instrumentos e procedimentos adoptados.

No 4º e último capítulo serão apresentados os resultados obtidos, a discussão face o problema e hipóteses. Serão também discutidas algumas limitações à investigação e as implicações dos resultados obtidos na definição de investigações futuras.

II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1. Abordagem da homossexualidade ao longo dos tempos

“A homossexualidade é tão antiga como a própria humanidade, existindo ao longo de todos os períodos históricos e atravessando todas as culturas” (Frazão & Rosário, 2008, p.26)

A homossexualidade é, mais do que actos ou atracções sexuais por pessoas do mesmo sexo, uma ligação romântica e emocional (por pessoas do mesmo sexo) (Herek, 2000). Segundo Trippe (1975, cit. in Frazão & Rosário, 2008) existem três grandes perspectivas sobre a homossexualidade humana: as culturas em que não existe nenhum discurso sobre as relações entre pessoas do mesmo sexo; as que têm uma visão positiva das relações entre pessoas do mesmo sexo; e as culturas em que o discurso relativamente à homossexualidade tem uma conotação negativa, como é o caso dos países europeus e cristãos.

Apesar de, em tempos, a homossexualidade não ter sido vista como errada (Poeschl, Venâncio & Costa, 2012), essa percepção foi-se alterando, fundamentalmente na tradição judaico-cristã (Greenberg & Bystyn, 1982; Spencer, 1996). Esta perspectiva da homossexualidade pelas culturas dominantes foi manifestada através da sua condenação social, moral e legal (Frazão & Rosário, 2008). Exemplo disso, foram as mais de 20.000 mortes de homossexuais masculinos em campos de concentração nazis nos anos 1930s (Naphy, 2004).

A homossexualidade foi, durante vários anos, encarada como uma doença psiquiátrica, o que a tornou amplamente estigmatizada (Herek et al., 1991). No séc. XIX a medicina definiu a homossexualidade como uma doença fisiológica causada por distúrbios genéticos e biológicos (Lacerda, Pereira & Pereira, 2002). No início do séc. XX a APA consentiu uma resolução que a despatologizou (Conger, 1975) e em 1980 a mesma foi retirada do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorder* (DSM) da Associação Americana de Psiquiatria. No entanto, só nos anos 90 deixou de estar classificada na Organização Mundial de Saúde (OMS) como doença psiquiátrica.

2.2.Homofobia e as suas consequências

Existem diversas abordagens do preconceito com base na orientação sexual, consoante a área de pesquisa.

Numa abordagem psicológica do preconceito, este termo é utilizado, de modo geral, para indiciar a existência de percepções negativas por parte de indivíduos e grupos onde estes expressam, de diferentes maneiras e intensidades, juízos desfavoráveis face a outros indivíduos ou grupos, dado o pertencimento ou identificação destes como uma categoria tida como inferior (Rios,2007). São várias as manifestações do preconceito, como as raciais, sexuais, religiosas e étnicas.

O preconceito é uma forma de relação intergrupar onde se desenvolve e expressam atitudes negativas e depreciativas além de comportamentos hostis e de discriminação em relação aos membros de um grupo por pertencerem a esse mesmo grupo (Carmino & Pereira, no prelo). Entre os processos cognitivos que se desenvolvem neste tipo de relações sociais, destaca-se a categorização e a construção de estereótipos (Dorai & Deschamps, 1999; Schadron, Morchain & Yzerbyt, 1996; Yzerbyt, Rocher & Schadron, 1997).

Centrando-nos no preconceito sexual, as pessoas com uma orientação sexual homossexual são discriminadas e vítimas de preconceito, sendo que esse mesmo preconceito pode ser causado por um medo irracional face à homossexualidade ou a pessoas homossexuais designado por homofobia (Herek, 2004). Ainda que actualmente as sociedades tornem pouco aceitável a manifestação explícita de atitudes preconceituosas, a expressão aberta do preconceito é socialmente melhor aceite quando dirigido a pessoas homossexuais do que a outras minorias (Schneider, 2004). Este tipo de manifestações pode acontecer sobre várias formas. Citando Morrison e Morrison

“O preconceito “clássico”, explícito, tem por base objecções tradicionais e morais que desaprovam a homossexualidade (e.g. a homossexualidade é uma perversão, o comportamento homossexual é errado). O preconceito “moderno”, implícito, manifesta-se de forma mais subtil na oposição à extensão dos direitos civis das pessoas heterossexuais às pessoas homossexuais, ou na crença de que a minoria homossexual está a perseguir vantagens ou direitos imerecidos (e.g. muitos/as homossexuais usam a sua orientação sexual para obter privilégios especiais; os/as homossexuais tornam-se demasiado exigentes na luta por direitos iguais” (2002, cit. Por Poeschl, Venâncio & Costa, 2012, p. 37).

O preconceito sexual é um julgamento, uma resposta emocional, geralmente negativa, ao grupo de pessoas não heterossexuais ou a um membro desse grupo (Schneider, 2004), o que demonstra a repressão em que as pessoas gays e lésbicas vivem. Os homens gays e as mulheres lésbicas relatam desigualdades sociais decorrentes da sua orientação sexual, incluindo diversas experiências de vitimização (Cochran & Mays, 1994; Herek, Gillis & Steiner, 1999). Tem sido amplamente verificado que este estigma social é um factor de risco para problemas psicológicos como a depressão e a ansiedade (Kessler, Mickelson & William, 1999).

Nos últimos anos, apesar das mudanças sociopolíticas existentes na sequência das reivindicações das associações de defesas dos direitos das pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transgénero (LGBT) por todo o mundo, continua a revelar-se que a homossexualidade é um preconceito geral da população. De entre as várias minorias sociais, a tolerância para com as minorias sexuais tem sido menor (que a racial) (Lacerda, Pereira & Pereira, 2002). Continuam a registar-se, de acordo com diversos inquéritos sociais, níveis elevados de preconceito contra pessoas homossexuais. No Estudo de Valores Europeus (1999), por exemplo, Portugal esteve abaixo da média da escala de resposta no que dizia respeito à homossexualidade (Ferreira, 2003). Mais recentemente dados do Eurobarómetro (2008) registam que os portugueses se sentem menos à vontade com um vizinho homossexual e que têm menor probabilidade de conhecer ou ter um amigo homossexual, encontrando-se abaixo da média europeia. Apesar do preconceito e discriminação para com as pessoas lésbicas e gays, estas existem e são cada vez menos invisíveis devido à constante luta pela visibilidade e direitos das pessoas LGBT que ocorre em vários países do mundo.

2.3. Homoparentalidade

Segundo Alarcão (2002) e Zambrano (2006), a definição normativa de família estabelece-se habitualmente numa questão biológica proeminente, onde é necessário um homem e uma mulher para reproduzir uma criança, sendo este um sistema de família que alia a norma social ao vínculo biológico. No entanto, olhando para várias sociedades, é possível observar diferentes conjunturas familiares que permitem afirmar que parentesco e filiação são sempre sociais (Héritier, 2000). Segundo Navarro et al. (2004), a qualidade parental não depende da estrutura familiar por si só, mas das condutas, interações e ensinamentos que são transmitidos pelos pais, sendo que dentro do conceito de parentalidade, a primazia é do afecto e do apoio, num ambiente seguro e

estável para as crianças em que as suas necessidades são satisfeitas e existe a possibilidade de aquisição de conhecimentos, valores, atitudes e condutas (Navarro, Llobell & Bort, 2004).

Focando-nos na importância da família e da parentalidade, deparamo-nos com um dos direitos pelos quais as pessoas gays e lésbicas mais lutam actualmente: a possibilidade da parentalidade partilhada, ou seja, que duas pessoas do mesmo sexo tenham ambas o direito a ser reconhecidos legalmente enquanto pais/mães de crianças, sem que apenas um dos/das progenitores/as tenha uma ligação legal à mesma (como existe, actualmente, em vários países do mundo).

São diversas as configurações familiares por casais homossexuais, ainda que em vários países estas configurações não sejam legais. Assim, duas pessoas do mesmo sexo têm a possibilidade de: (1) adoptar singularmente ou enquanto casal; (2) a inseminação artificial, em que um dos membros do casal recorre à procriação medicamente assistida, processo utilizado por casais de mulheres; (3) as barrigas de aluguer, no caso dos homens; (4) através da co-adoção em que um dos membros do casal já é legalmente o/a pai/mãe da criança e em que o outro elemento se candidata à adopção da mesma. É ainda possível a formação de famílias através da recomposição familiar, em que um membro do casal foi pai/mãe numa relação anterior e a co-parentalidade, em que um dos membros do casal gera o filho com alguém do sexo oposto, não tendo de recorrer à inseminação artificial. Estas diferentes configurações familiares não são legalmente reconhecidas em todos os países, no entanto, as mudanças legais e sociais que têm ocorrido em vários países ocidentais têm tornado possível, gradualmente, estas diferentes possibilidades (Costa, Pereira & Leal, 2011). Na Europa, existem diferenças legais entre os diferentes países; na Alemanha, Bélgica e Holanda, por exemplo, a legislação permite a inseminação artificial ou a adopção por casais do mesmo sexo como via para a parentalidade (Bos, Van Balen & Van Den Boom, 2005). Em Portugal, por exemplo, não existe acesso legal a nenhuma forma de parentalidade partilhada por casais do mesmo sexo, estando actualmente à espera da definitiva aprovação da lei que permitirá a co-adoção por casais do mesmo sexo. Em Portugal, em 2007, apenas 19% da população concordou com a adopção por casais do mesmo sexo (Eurobarómetro, 2007), sendo que na Europa a média foi de 32%.

Segundo Patterson (2010, cit. Gates, Badgett, Macomber & Chambers, 2007) nos Estados Unidos, mais de 65.000 crianças foram adoptadas e estão a ser

criadas por mães lésbicas ou pais gays. São efectivamente muitos os homens gays e mulheres lésbicas que desejam ser mães e pais (Risking & Patterson, 2010).

A homofobia é exercida frequentemente sobre a homoparentalidade, sendo as capacidades parentais contestadas com base em vários argumentos assentes no pressuposto de que a orientação sexual implica uma menor capacidade parental (Costa, Pereira & Leal, 2012). Esta contestação é confrontada com inúmeros estudos realizados em que é possível verificar-se que não existem diferenças significativas entre as crianças educadas por casais de sexo diferente e do mesmo sexo no que se refere ao ajustamento cognitivo e emocional (Patterson, 2000; Perrin, 2002) e social (Patterson, 1995, 2000, 2005; Paterson & Chan, 1996; Tasker & Golombok, 1997)

2.3.1. Estudos sobre diferenças entre crianças filhas de pais homossexuais e heterossexuais

Vários estudos têm sido realizados para se compreender as diferenças entre os filhos criados em famílias heteroparentais e em famílias homoparentais. Maior parte das investigações tem recaído sobre filhos de casais de mulheres lésbicas (Tasker & Golombok, 1997).

Apresentarei de forma resumida o resultado de alguns estudos que demonstram que a nível do desenvolvimento das crianças filhas de casais homoparentais, poucas são as diferenças encontradas comparativamente com os seus congéneres.

A nível do desenvolvimento psicosexual, a percentagem de filhos homossexuais é, de uma forma global, semelhante à generalidade da população (Vecho & Schneider, 2005), existindo uma probabilidade idêntica entre os jovens (independentemente da constituição familiar ser homo ou heterossexual) (Golombok & Tasker, 1996; Patterson, 2005). No que se refere aos papéis/comportamentos de género, estes são mais flexíveis nos filhos criados por famílias homossexuais (e.g. González, Chacón, Gómez, Sánchez & Morcillo, 2003), provavelmente fruto do carácter sociocultural e das atitudes menos estereotipadas e a uma maior igualdade na organização das tarefas familiares (Fulcher, Sutfin & Paterson, 2008; cit. por Moleiro, 2013).

Ao nível do funcionamento cognitivo, não foram encontradas diferenças entre filhos de famílias homoparentais e heteroparentais (Vecho & Schneider, 2005), o mesmo se verifica quanto ao desenvolvimento global e ajustamento psicológico, sendo ambos adequados independentemente da família (e.g. Goldberg, 2010). Em estudos

recentes (Wainright, Russel & Patterson, 2004), filhos de mães lésbicas tinham melhores resultados escolares do que filhos de pais heterossexuais.

Relativamente às relações sociais das crianças com os seus pares, alguns estudos sugerem que as crianças provenientes de famílias homoparentais se percebem tão aceites e populares como as crianças provenientes de famílias heteroparentais (Golombok et al., 2003). No entanto, não existe um consenso no que diz respeito às relações sociais, podendo estar relacionado com a influência do contexto social (Gato & Fontaine, 2010).

A generalidade dos estudos confirma a não influência da orientação sexual dos pais para o desenvolvimento da criança (Brewaeys, 2001; Gato & Fontaine, 2010).

2.4. Desenvolvimento do preconceito

A literatura revela-nos o preconceito e a discriminação existentes nos adultos através de vários estudos realizados ao longo dos tempos. No entanto, é necessário saber como se desenvolve, nas crianças, o preconceito baseado na orientação sexual.

Poucos são os estudos encontrados que investigam, especificamente, o preconceito com base na orientação sexual. No entanto, Mischel (1968), não abordando a homossexualidade de forma específica, evidencia que a aprendizagem e compreensão sobre a homossexualidade poderia ser apreendida pelos mesmos processos que outras cognições sociais. Também Block (1973) revela que o desenvolvimento da compreensão e atitudes relativamente à homossexualidade podem ter o mesmo desenvolvimento que atitudes étnicas. Partindo desse pressuposto, abordaremos alguma literatura acerca do desenvolvimento do preconceito na infância sem nos focarmos directamente no desenvolvimento do preconceito com base na orientação sexual, mas centrando-nos no desenvolvimento geral do preconceito, sobretudo no étnico, presumindo que há semelhanças no desenvolvimento de ambos.

2.4.1. Preconceito e estereótipo

O preconceito tem sido estudado como uma característica psicológica do indivíduo: uma frustração reprimida e deslocada para grupos mais fracos (Hovland & Sears, 1940); a falta de contacto com grupos minoritários (Allport, 1954). Numa perspectiva intergrupar, o preconceito é o resultado da inserção do indivíduo numa categoria social (Tajfel, 1972; Tajfel et al. (1971), ou seja, existe a atribuição de

atributos positivos aos membros desse grupo e negativos aos do outro grupo (Tajfel, 1978).

Segundo Brown (1995), o preconceito é “*that state of mind, feeling or behavior that involves some disparagement of others on account of the group they belong to.*” (p. ix).

Relativamente ao preconceito sexual, este diz respeito a todas as atitudes negativas com base na orientação sexual, seja dirigido a pessoas homossexuais (pessoas que se sentem atraídas sexual e/ou emocionalmente por pessoas do mesmo sexo), bissexuais (pessoas que se sentem atraídas sexual e/ou emocionalmente por pessoas de ambos o sexos) ou heterossexuais (pessoas que se sentem atraídas sexual e/ou afectivamente por pessoas do sexo oposto). No entanto, é um preconceito dirigido maioritariamente a pessoas homossexuais (lésbicas e gays) ou bissexuais (Herek, 2000).

O estereótipo, por várias vezes é confundido com preconceito, é definido como uma crença generalizada sobre um determinado grupo ou pessoas (Cardwell, 1996).

2.4.2. O desenvolvimento do preconceito na infância

Muitos teóricos têm sugerido que o preconceito é uma consequência inevitável do processo comum de categorização (e.g. Allport, 1954; Tajfel, 1982), o que sugere que os estereótipos são automaticamente aplicados aos membros do grupo estereotipado (Devine, 1989). Devine (1989) crê que o preconceito automático está enraizado em experiências de socialização precoces e a processos de aprendizagem na infância em que a sujeição precoce a esse tipo de estereótipos de uma forma regular, origina uma automatização dos mesmos. O mesmo parece ser confirmado por Gollnick e Chinn (2002) que sugerem que o preconceito em crianças pode ser reflexo dos valores da sociedade, ou seja, a sociedade mais próxima poderá ser o motivo do preconceito surgir precocemente. Nesdale (1999, 2001) sugere outra teoria para o preconceito intergrupar, em que as manifestações precoces do preconceito intergrupar surgem de uma preferência *ingroup* e que não está tão associado à avaliação negativa e ao preconceito *outgroup*, onde existe uma assimilação de atitudes intergrupais dos seus pais e da sociedade que lhes é mais próxima sem que essas sejam examinadas e reflectidas pela criança, ficando apenas representadas na memória e formando mais tarde uma crença pessoal. Somente mais tarde, e apesar de reconhecerem cedo o preconceito da sociedade, as crianças adaptam os preconceitos como atitudes pessoais, altura em que as competências cognitivas já estão mais desenvolvidas (Devine, 1989).

Há evidências de que os estereótipos estão bem estabelecidos na memória das crianças ainda antes destas se desenvolverem cognitivamente ou terem flexibilidade cognitiva para poderem avaliar a validade dos estereótipos (e.g. Allport, 1954; Porter, 1971).

Teorias sociais do desenvolvimento do preconceito *ingroup* (Aboud, 1988) assumem que as categorias e avaliações sociais se adquirem cedo (por volta dos quatro anos de idade) e que, nessa altura, as crianças já têm a capacidade de distinguir e identificar categorias sociais. No entanto, defende-se que a idade de mudança de uma identidade social e das atitudes *ingroup* se dá por volta dos sete anos de idade e, após essa altura, as crianças começam a moderar os seus preconceitos (Aboud & Amato, 2001; Aboud, 1988), sendo que no final da infância se dá a fase crítica do desenvolvimento da idade activa, incluindo o aumento da exploração e formação das suas próprias identidades sociais (Newman & Newman, 2002; Phinney & Chavira, 1992). Nessa altura as crianças e os adolescentes enfrentam as suas próprias identidades raciais, étnicas e culturais, nacionais, e sexuais começando a identificar-se de uma forma mais consciente com o seu *ingroup*. Outros autores afirmam que o pico do preconceito se dá entre os cinco e os sete anos de idade, sofrendo um decréscimo a partir dessa idade e até aos dez anos (Raabe & Beelman, 2011). Kohlberg (1966) propôs que os estereótipos se tornaram cada vez mais rígidos entre os dois e os sete anos de idade e que depois desta continuam a existir aquisições de estereótipos sociais, mas que são mais flexíveis (O'Brien & Huston, 1985).

2.4.3. Desenvolvimento do preconceito étnico

Nesdale (1999), abordando as diferentes teorias sobre o desenvolvimento do preconceito étnico, abordou a teoria da identidade social de desenvolvimento de preconceito para o explicar, crendo que as outras teorias pouco poderiam ser aplicadas ao desenvolvimento do preconceito infantil.

A teoria da identidade social de desenvolvimento do preconceito propõe que as crianças que apresentam preconceito étnico passam por quatro fases de desenvolvimento e que as fases diferem entre si em termos do comportamento que as caracteriza e dos acontecimentos que desencadeiam mudanças de uma fase para a seguinte.

A primeira fase é a indiferenciada, em que, antes dos dois/três anos, os sinais raciais não são salientes para as crianças, pois nesta idade as crianças respondem a estímulos

ambientais de forma aleatória e do que a chama a atenção. No entanto, é nesta faixa etária que as crianças começam a distinguir as cores e outros atributos de objectos. (Nesdale, 1999). A segunda fase é a fase da consciência étnica que se dá por volta dos três anos de idade, principalmente em crianças que vivem numa sociedade multirracial (e.g. Stevenson & Stevenson, 1960) e a sua consciência começa após a identificação de um membro de um grupo externo (e.g. esta pessoa tem a pele negra). Muito importante dentro desta fase é a auto-identificação étnica, em que a criança começa a perceber que é membro de um grupo particular, sugerindo que quando as crianças se tornam conscientes das categorias étnicas e raciais ocorre logo esta auto-identificação (Aboud, 1988). A terceira fase desta teoria é a pertença étnica. A criança aprende que pertence ou é membro de um grupo (étnico) particular. Segundo Turner et al. (1987), a auto-identificação da criança como membro de um grupo social dominante é a primeira peça da identidade social da criança. Nesta fase existe primeiramente uma focalização para o seu grupo, procurando semelhanças em vez de diferenças e não superioridade e inferioridade, relativamente ao outro grupo. O que é realçado nesta fase é que a criança realça mais o *ingroup* do que alguma negatividade no *outgroup*. A auto-identificação étnica facilita a compreensão da estrutura social da comunidade, a posição do grupo diferente e as relações. Nas crianças do grupo dominante há um foco para o seu grupo étnico, sendo que muitas vezes as crianças do grupo minoritário rejeitam o seu próprio grupo em favor do que é culturalmente dominante. A quarta e última fase desta teoria centra-se no preconceito étnico. Se a fase anterior se centra na preferência étnica e não no preconceito, esta mudança de fase origina a existência do preconceito.

Aboud (1988) afirma que o preconceito étnico diminui a partir dos sete anos de idade devido a aquisições cognitivas. Nesdale (1999) contrapõe, justificando que é nesta faixa etária que o preconceito verdadeiramente aparece. França e Monteiro (2002) sugerem que o preconceito não diminui com a formação de competências cognitivas, mas vai-se tornando mais subtil, justificando que o preconceito permanece na idade adulta. A existência do preconceito exige mudanças na focalização do domínio afectivo, cognitivo, de percepção e comportamento das crianças. Nesta fase a criança não se focaliza no *ingroup* e na sua diferença positiva relativamente ao *outgroup*, mas começa a focar-se nos dois grupos e, em vez de gostar menos de um membro do *ingroup*, passam a não gostar dos membros do *outgroup*. Passa a existir discriminação contra os membros do grupo minoritário sempre que existe possibilidade. A transição da preferência étnica para o preconceito, nesta teoria, depende de vários elementos como

(1) a aquisição da consciência étnica; (2) a aquisição de competências cognitivas sociais e (3) o processo de identidade social. (Nesdale, 2000)

A probabilidade das crianças adoptarem um preconceito étnico aumenta na medida em que esse preconceito é partilhado e expressado inequivocamente pelas pessoas do ambiente social em que a criança está inserida (Proshansky, 1966). A tendência para o desenvolvimento do preconceito (étnico) vai aumentar a tensão e o conflito entre os membros do grupo dominante e do grupo minoritário (Brown, 1995), o que aumentará o preconceito bem como o sentimento de rejeição, aversão e ódio no grupo minoritário. O preconceito étnico pode ser influenciado pelos atributos visíveis e físicos (e.g. cor da pele) (Aboud, 1988), o que não é justificável no caso do preconceito sexual, uma vez que a homossexualidade é uma característica não visível.

2.5.Objectivos do Presente Estudo

Em Portugal, até ao momento, nenhuma investigação incluiu crianças em estudos acerca da percepção da homossexualidade e/ou homoparentalidade. Aliás, este tipo de investigação é relativamente escassa até mesmo na literatura internacional (Saphira, 1989). Por este motivo, o presente trabalho pretende responder à seguinte questão de investigação: “Qual a percepção que as crianças têm relativamente à homoparentalidade?”.

O principal objectivo desta investigação, devido fundamentalmente à incidência do preconceito com base na orientação sexual homossexual ser dos mais acentuados, é o de perceber qual a percepção que as crianças têm relativamente às famílias homoparentais. Dentro deste objectivo existe outros que serão investigados ao longo desta investigação tais como: de que forma o sexo (masculino ou feminino) e a idade (entre os 8 e os 10 anos) tem influência na percepção relativamente à homoparentalidade? haverá diferenças na percepção que as crianças têm de um casal constituído por dois homens ou se for constituído por duas mulheres (como acontece nos adultos)? a percepção que as crianças têm acerca de determinada família é influenciada pela percepção que as crianças têm acerca das preferências dos seus pais/professores relativamente a essas mesmas famílias? Pretendemos explorar a resposta a estas perguntas através de um estudo exploratório, hipotetizando que:

H1) O número de frases positivas atribuídas a famílias homoparentais será menor do que a média de outras tipologias familiares;

H2) O número de frases negativas atribuídas a famílias homoparentais será maior do que a média de outras tipologias familiares.

H3) As atitudes serão mais negativas face a famílias homoparentais masculinas do que às famílias homoparentais femininas.

H4) As crianças do sexo masculino apresentarão maior preconceito do que as crianças do sexo feminino relativamente às famílias homoparentais.

H5) As crianças mais novas apresentarão maior preconceito do que as crianças mais velhas relativamente às famílias homoparentais.

H6) A percepção das crianças relativamente às famílias homoparentais será influenciada pela percepção que elas têm relativamente à atitude dos seus pais/professores no que diz respeito às famílias homoparentais, sendo semelhantes.

III.MÉTODO

Neste capítulo será apresentada a caracterização da amostra, as características sociodemográficas dos participantes, o instrumento e o procedimento detalhado da investigação.

3.1.Participantes

Este estudo teve a participação de 59 crianças de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 8 e os 10 anos, a frequentarem um estabelecimento de ensino privado.

Na tabela seguinte (tabela 1) encontra-se a informação sociodemográfica acerca dos 59 participantes. A média de idades foi de 9.03 ($DP=.74$). O número de participantes do sexo masculino (49.2%) e do sexo feminino (50.8%) foi semelhante. A nacionalidade dos participantes foi maioritariamente portuguesa (96.6%), havendo um participante de nacionalidade Inglesa (1.7%) e um de nacionalidade São Tomense (1.7%). O ano de escolaridade das crianças foi de 42.4% no 3º ano e 57.6% no 4º ano.

Tabela 1. *Características sociodemográficas dos Participantes*

Características	Medidas		
	M	M (DP)	Intervalo Mínimo- Máximo
Idade	9.03	.742	8 - 10
	N	%	
Sexo			
<i>Feminino</i>	30	50.8%	
<i>Masculino</i>	29	49.2%	
Nacionalidade			
<i>Portuguesa</i>	57	96.6%	
<i>Inglesa</i>	1	1.7%	
<i>São Tomense</i>	1	1.7%	
Ano de escolaridade			
<i>3º ano</i>	25	42.4%	
<i>4º ano</i>	34	57.6%	

Relativamente à composição familiar dos participantes, verificou-se que a maioria vivia com a mãe e com o pai (71.2%) e que 72.9% tinham irmãos (ver tabela 2).

Tabela 2. *Características familiares da amostra*

	N	%
Com quem vive		
<i>Mãe e pai</i>	45	57.6
<i>Mãe</i>	15	25.4
<i>Companheiro da mãe</i>	1	1.7
<i>Pai</i>	5	8.5
<i>Companheira do pai</i>	1	1.7
<i>Tia</i>	1	1.7
<i>Avós</i>	7	11.9
<i>Tem irmãos</i>	43	72.9

3.2. Instrumentos

O presente estudo foi baseado numa tese de doutoramento, realizada por Saphira (1989) na Nova Zelândia. O instrumento utilizado é uma adaptação do *The Bene-Anthony Family Relations Test*, instrumento que permite caracterizar as relações familiares, concebido para uso terapêutico interfamiliar, como instrumento de avaliação clínica e não de pesquisa. Foi adaptado por Saphira (1989) para uso intrafamiliar no contexto de investigação, nunca tendo sido validada esta versão para uso clínico. O instrumento adaptado e que será utilizado nesta investigação é constituído por uma tarefa de distribuição de cartões por diversas tipologias familiares. São ao todo 36 itens que pretendem avaliar atitudes face às famílias apresentadas. Dos 36 itens, 15 são positivos (e.g. Esta família é muito simpática), 15 são negativos (e.g. Esta família não é uma boa família para mim) e 6 itens são sobre a percepção da criança acerca das preferências dos pais e da professora (e.g. O meu pai não gosta desta família/ A minha professora gosta mais desta família). Os itens foram traduzidos e retrovertidos por dois juízes independentes e bilingues, para garantir a maior fiabilidade da versão portuguesa.

O instrumento é constituído por 7 imagens de diferentes composições familiares: família nuclear (mãe, pai e filho); família monoparental feminina (mãe e filho); família monoparental masculina (pai e filho); família homoparental masculina (dois pais e o filho); família homoparental feminina (duas mães e o filho) e um casal heterossexual sem filhos. Para além destas sete imagens, existe uma em branco, que representa o “Sr. Ninguém” do instrumento original, para que nenhuma criança se sinta

forçada a responder ou, no caso de um dos itens não fazer sentido para nenhuma (ou para todas) as conjunturas familiares. Estas imagens estão fixas a caixas que têm uma abertura na parte superior onde serão colocados os cartões com os itens.

3.3.Procedimento

Inicialmente foram contactados vários estabelecimentos de ensino privados (colégios e ATL), via email, onde foi explicado o propósito do estudo e enviados dois termos de consentimento informado: um para o/a director/a do estabelecimento de ensino e outro para os encarregados de educação, caso o estabelecimento de ensino concordasse em colaborar. Na realização dos consentimentos informados teve-se em consideração a importância da transparência de informação, informando os encarregados de educação que seria abordado o tema da homossexualidade. Foram tidas em conta várias considerações éticas fundamentais em investigação em psicologia (i.e. consentimentos dos representantes legais e dos menores; anonimato; confidencialidade; e participação voluntária), nomeadamente o facto de não ser utilizada a palavra gay e/ou lésbica durante o estudo, para que não fosse ensinado nenhum conceito desconhecido às crianças.

Três dos estabelecimentos de ensino contactados (um colégio, um centro lúdico e um ATL) concordaram em participar. A cada um dos estabelecimentos foram entregues quarenta consentimentos informados, sendo que num dos estabelecimentos obtivemos 100% de recusas, ou seja, nenhum consentimento informado foi assinado. A taxa de resposta foi, assim, de cerca de 50% para a amostra total.

No que respeita a recolha de dados, as crianças foram informadas pelas educadoras/professoras que iam participar numa espécie de jogo e os participantes mostraram-se entusiasmados em colaborar. A tarefa foi efectuada por método de entrevista e realizada individualmente a cada criança, tendo a duração de 15/20 minutos. No início das entrevistas foi explicado aos participantes que não havia respostas certas nem erradas e que a nossa presença era precisamente para saber a sua opinião sobre os vários tipos de famílias. Inicialmente foram registados os dados sociodemográficos (idade, sexo, nacionalidade e ano de escolaridade) e descrito o tipo de família com quem os participantes viviam. A caixa com a imagem em branco foi apresentada como a caixa que eles poderiam escolher caso não soubessem/não quisessem responder ou sempre que nenhuma família (ou todas) se enquadrasse num determinado item. Os itens foram entregues, um a um, e lidos em voz alta. Enquanto as crianças colocam os itens

nas caixas, os mesmo eram assinalados pela investigadora numa tabela. De uma forma geral, o jogo não desagradou nem causou constrangimento aos participantes; inclusive perguntaram se podiam repetir o jogo, manifestando agrado pelo mesmo.

IV. RESULTADOS

Nesta secção serão apresentados os resultados e a análise dos dados. A apresentação dos resultados ocorre dos factores observados durante a recolha de dados e o tratamento estatístico. O tratamento dos dados foi efectuado no programa informático SPSS 19.00 e submetido a uma análise com recurso a estatística paramétrica e não paramétrica. Os resultados serão apresentados através de tabelas e acompanhados de descrições fornecendo uma ligação lógica entre as questões de investigação e as hipóteses em estudo.

4.1. Itens positivos atribuídos às diferentes conjunturas familiares

Para analisarmos a média de itens positivos e negativos atribuídos a cada família realizámos uma análise descritiva. De acordo com a tabela 3, relativamente à atribuição de itens positivos, verificou-se que a família nuclear obteve uma maior média ($M=9.17$) e que a menor média de itens positivos corresponde à família monoparental masculina ($M=0.27$). As famílias homoparentais, tanto a família homoparental masculina como a família homoparental feminina, obtiveram uma média de itens positivos baixa e semelhante, a família homoparental masculina obteve uma média de 0.54 e a família homoparental feminina uma média de 0.47.

Esta análise permitiu-nos concluir que a hipótese dos itens atribuídos às famílias homoparentais ser menor do que a média de itens atribuídos a outras tipologias familiares não foi confirmada na totalidade, uma vez que as famílias monoparentais masculinas obtiveram um menor número de itens positivos do que as famílias homoparentais. Ainda assim, a média de itens positivos atribuído às famílias homoparentais foi das mais baixas.

4.2. Atribuição dos itens negativos às diferentes composições familiares

Relativamente aos itens negativos atribuídos às diferentes famílias, conforme presente na mesma tabela (3), a família homoparental masculina obteve a maior média de itens negativos ($M=2.75$) e a família homoparental feminina obteve um valor ligeiramente mais baixo ($M=1.54$). Somente ao casal sem filhos foi atribuído uma média de itens negativos maior que a esta última família, sendo de 2.12. Houve uma média de 6.63 itens atribuídos à caixa em branco, ou seja, em que os itens negativos não foram

atribuídos a nenhuma família, seja por os participantes não saberem/não quererem responder ou por identificarem todas as famílias (ou nenhuma) aos itens.

A hipótese foi, em parte, corroborada nesta análise. O número de itens negativos atribuídos às famílias homoparentais masculinas foi superior aos itens negativos atribuídos às outras tipologias familiares; no entanto, o casal sem filhos teve uma média de itens negativos superior à das famílias homoparentais femininas.

A mesma análise permite-nos concluir que as famílias homoparentais masculinas são percebidas de forma mais negativa do que as famílias homoparentais femininas, conforme hipotetizamos.

Tabela 3. *Média de itens positivos e negativos atribuídos às diferentes tipologias familiares*

Famílias	Itens positivos		Itens negativos	
	Média	DP	Média	DP
Família Nuclear	9.17	3.63	0.32	2.63
Famílias Monoparentais femininas	0.54	0.70	0.58	0.91
Famílias monoparentais masculinas	0.27	0.49	0.92	1.89
Famílias homoparentais masculinas	0.54	1.69	2.75	2.28
Famílias homoparentais femininas	0.47	0.90	1.54	1.51
Casal sem filhos	1.17	1.59	2.12	2.33
Ninguém	2.13	3.19	6.63	4.85

4.3. Diferença entre o sexo feminino e o sexo masculino na percepção das diferentes tipologias familiares

Para analisar a diferença entre o sexo feminino e o sexo masculino relativamente à percepção acerca das diferentes constituições familiares foi realizado um test-t, com o sexo como variável independente e o total de itens atribuído às diferentes famílias como variáveis dependentes.

Não foram encontradas diferenças significativas para as famílias homoparentais masculinas nem relativamente aos itens positivos ($t(57)=1.77;p=0.13$) nem aos itens

negativos ($t(57)=1.34;p=0.81$). O mesmo aconteceu com as famílias homoparentais femininas, em que não foram encontradas diferenças significativas tanto nos itens positivos ($t(57)=0.36;p=0.44$), como nos itens negativos ($t(57)=0.73;p=0.25$). As famílias em que foram encontradas diferenças significativas foram as famílias nucleares relativamente aos itens positivos ($t(57)=-0.47;p=0.24$), em que as raparigas atribuíram menos características negativas às famílias nucleares do que os rapazes.

Tabela 4. *Diferenças de sexo na percepção das diferentes tipologias familiares*

Famílias/Itens	Rapazes		Raparigas		t
	M	DP	M	DP	
Nucleares					
Itens positivos	9.48	3.51	9.93	3.79	-0.47
Itens negativos	0.48	.738	0.97	.461	1.98**
Oportunidade Social	1.59	.87	1.97	1.03	-1.53
Monoparentais femininas					
Itens positivos	0.48	0.63	0.60	0.77	-0.64
Itens negativos	0.69	0.89	0.47	0.94	0.94
Oportunidade Social	1.00	0.96	0.53	0.73	2.10
Monoparentais masculinas					
Itens positivos	0.31	0.54	0.23	0.43	0.61
Itens negativos	1.17	1.14	0.67	0.99	1.82
Oportunidade Social	0.45	0.57	0.47	1.17	-0.08
Homoparentais femininas					
Itens positivos	0.52	1.02	.43	.77	0.36
Itens negativos	1.69	1.67	1.40	1.35	0.73
Oportunidade Social	0.72	0.80	0.50	0.51	1.29*
Homoparentais masculinas					
Itens positivos	.93	2.31	.17	.461	1.77
Itens negativos	2.34	2.01	3.13	2.49	-1.34
Oportunidade Social	0.76	0.79	0.63	0.62	0.68
Casal sem filhos					
Itens positivos	1.52	1.75	.83	1.37	1.68
Itens negativos	2.72	2.6	1.53	1.89	2.02
Oportunidade Social	0.31	0.54	0.53	0.90	-1.15
Ninguém					
Itens positivos	1.69	2.44	2.90	3.73	-1.47
Itens negativos	5.93	4.83	7.30	4.86	-1.09
Oportunidade Social	1.14	1.55	1.73	1.49	1.51

Nota: * $P<0.05$; ** $p<0.01$

A hipótese de que os rapazes percebem as famílias homoparentais de forma mais negativa do que as raparigas não foi confirmada uma vez que na soma de itens

positivos e negativos relativamente a famílias homoparentais não houve diferenças significativas entre o sexo masculino e o sexo feminino.

4.4. Diferenças entre os grupos etários na percepção das diferentes tipologias familiares

Foi realizado um t-test para analisarmos as diferenças entre os grupos etários das crianças. Observou-se, conforme a tabela 5, uma diferença significativa ($t(57)=3.37;p<0.01$) em que as crianças mais novas atribuíram um maior número de itens positivos ($M=10.57$) do que as crianças mais velhas ($M=7.20$) às famílias nucleares. Relativamente às famílias homoparentais verificou-se uma diferença significativa ($t(57)=2.17;p<0.05$) relativamente aos itens positivos, em que as crianças mais novas atribuíram menos ($M=0.27$) itens positivos às famílias homoparentais masculinas do que as crianças mais velhas ($M=1.33$).

Tabela 5. Diferença entre as idades na percepção das diferentes tipologias familiares

Famílias/itens	8 e 9 anos		10 anos		t
	M	DP	M	DP	
Nuclear					
Itens positivos	10.6	2.69	7.20	4.83	3.37**
Itens negativos	.32	.60	.33	.72	-0.08
Oportunidade Social	2.02	.90	1.07	.80	3.64
Monoparentais femininas					
Itens positivos	.55	.70	.53	.74	0.06
Itens negativos	.66	.91	.33	.90	1.19
Oportunidade Social	.66	.71	1.07	1.22	-1.57*
Monoparentais masculinos					
Itens positivos	.27	.50	.27	.46	0.04
Itens negativos	.98	1.17	.73	.80	0.75
Oportunidade Social	.48	1.02	.40	.51	0.28
Homoparentais femininas					
Itens positivos	.52	.95	.33	.74	0.71
Itens negativos	1.43	1.42	1.87	1.78	-0.96
Oportunidade Social	.45	.60	1.07	.70	-3.31
Homoparentais Masculinas					
Itens positivos	.27	.59	1.33	3.13	-2.17**
Itens negativos	2.89	2.40	2.33	1.88	0.81
Oportunidade Social	.70	.73	.67	.62	0.18
Casal sem filhos					
Itens positivos	.98	1.30	1.73	2.19	-1.61**
Itens negativos	2.00	2.15	2.47	2.85	-0.67
Oportunidade Social	.50	.82	.20	.41	1.35
Ninguém					
Itens positivos	1.86	2.51	3.60	4.52	-1.86

Itens negativos	6.61	5.01	6.67	4.50	-0.04
Oportunidade Social	1.32	1.50	1.80	1.66	-1.05

Nota: * P<0.05; **p<0.01

A hipótese de que as crianças mais novas têm uma percepção mais negativa das famílias homoparentais do que as crianças mais velhas foi, desta forma, suportada através desta análise, em que as crianças mais novas atribuem menos itens positivos às famílias homoparentais masculinas do que as crianças mais velhas.

4.5. Percepção que as crianças têm relativamente à atitude dos pais face às famílias homoparentais

Para perceber de que forma a atitude dos pais e dos professores face às famílias homoparentais poderia influenciar a percepção das crianças foi realizada uma correlação entre a atitude dos pais e a percepção das crianças. Verificou-se uma correlação positiva entre a atitude favorável da mãe (reportada pelas crianças) e a percepção dos filhos face aos itens positivos relativamente às famílias homoparentais masculinas ($r=0.32, p<0.01$) e às famílias homoparentais femininas ($r=0.45, p<0.01$), mostrando que a percepção das crianças coincide com a da sua mãe.

Tabela 6. *Percepção das crianças acerca da atitude dos pais.*

	Itens positivos		Itens negativos	
	Família	Família	Família	Família
	homoparental masculina	homoparental feminina	homoparental masculina	homoparental feminina
Atitude da mãe	0.32*	0.45**	-0.24	-0.09
Atitude do pai	0.28*	0.29*	-0.13	-0.01

Nota: * P<0.05; **p<0.01

O mesmo se verifica com a atitude favorável do pai face às famílias homoparentais (igualmente reportada pelas crianças), em que existe uma correlação positiva entre a atitude do pai e o número de itens positivos que as crianças atribuem às famílias homoparentais masculinas ($r=0.28, p<0.05$) e às famílias homoparentais femininas ($r=0.29, p<0.05$). Estes resultados suportam a hipótese de que a percepção que as crianças têm sobre a atitude dos pais relativamente às famílias homoparentais influencia ou encontra-se associado às suas próprias percepções.

V. DISCUSSÃO

Este estudo foi desenvolvido com o intuito de contribuir para uma maior compreensão acerca da percepção que as crianças têm sobre o preconceito baseado na orientação sexual. Assim, o nosso principal objectivo foi perceber qual a percepção que as crianças tinham relativamente à orientação sexual, através da sua percepção acerca da homoparentalidade. Como tal, procedemos à realização de um questionário que consistia num jogo, com o intuito de conseguirmos avaliar o nosso objectivo. Através deste questionário, uma adaptação do original *The Bene-Anthony Relations Family Test* (Saphira, 1989), conseguimos confirmar algumas das nossas hipóteses.

A primeira hipótese propunha assim que as famílias homoparentais seriam percebidas de forma menos positiva que as restantes composições familiares (e.g. família nuclear, famílias monoparentais e casais sem filhos). Esta hipótese foi confirmada uma vez que as famílias homoparentais, tanto masculinas como femininas, foram avaliadas mais negativamente do que as restantes famílias, através da atribuição de mais itens negativos e menos itens positivos. Apesar de os adultos julgarem as famílias homoparentais como menos capazes (Gato & Fontaine, 2012), esta causa poderá não ser a mesma que leva as crianças a perceberem as famílias homoparentais como menos positivas. Segundo Zajonc (1980), as respostas afectivas ocorrem antes das respostas cognitivas quando as crianças respondem de forma discriminatória.

Nesta investigação, os adultos do sexo masculino são percebidos, pelas crianças, de uma forma mais negativa do que as mulheres. Esta investigação comprova-o, uma vez que as famílias constituídas por homens – sejam monoparentais ou homoparentais – foram percebidas de forma mais negativa do que qualquer família constituída por mulheres. Relativamente às famílias homoparentais masculinas, a razão pela qual as crianças as percebem de forma mais negativa poderá estar associado ao facto de serem duas figuras com poder juntas, pois segundo Emmerich (1961, cit. in Saphira, 1989, pp. 92) “*found that children can define the family in terms of power roles and they chose husbands and fathers as having more power.*”.

Os adultos do sexo masculino são mais preconceituosos relativamente à homossexualidade do que as mulheres segundo dados do European Union Agency for Fundamental Rights (2009). Neste sentido, quisemos perceber se existe, nas crianças, influência do sexo na percepção das famílias homoparentais, ou seja, se o sexo pode ter influência no desenvolvimento do preconceito. No entanto, não encontramos diferenças entre os sexos dos participantes no que diz respeito às famílias homoparentais. Este

resultado pode demonstrar que existem processos no desenvolvimento do preconceito que se formam mais tarde, distintos entre homens e mulheres. Esta seria uma justificação para que, nas crianças, não existissem diferenças entre os rapazes e as raparigas. Também em pesquisas efectuadas com crianças acerca da transgressão de papéis de género, não foi encontrada uma sequência linear relacionada com a idade. (Strauss, 1982).

As crianças mais novas consideram o cruzamento de papéis de género como mais grave do que as crianças mais velhas (Urberg, 1979; Emmerich, 1982; Stoddart & Turiel, 1985). Se os papéis de género são utilizados pelas crianças para compreenderem as relações do mesmo sexo, pode supor-se que as crianças mais velhas serão mais propensas a consentir que duas pessoas do mesmo sexo se possam casar (Saphira, 1989). Foram encontradas diferenças, em que as crianças mais novas atribuíram menos itens positivos às famílias homoparentais masculinas que as crianças mais velhas. Piaget (1980) afirma que é por volta dos 12/13 anos que as crianças adquirem a forma final de equilíbrio, ou seja, que conseguem alcançar um padrão intelectual que irá perdurar durante a idade adulta. Desta forma, a hipótese não ter sido corroborada neste estudo, pode estar relacionada com o facto de não existir uma diferença de idades considerável entre as crianças na nossa amostra de participantes (8, 9 e 10 anos).

Hipotetizámos que a percepção das crianças relativamente às famílias homoparentais seria influenciada pela percepção que estas tinham relativamente à atitude dos seus pais para com estas famílias (homoparentais). Esta hipótese surgiu do facto de vários autores (e.g. Devine, 1989) crerem que o desenvolvimento do preconceito na infância possa estar relacionado com a aprendizagem que as crianças fazem através dos seus pais e da sociedade mais próxima. De facto, ao testar esta hipótese concluímos que os itens positivos atribuídos pelas crianças às famílias homoparentais coincidiram com os itens atribuídos relativamente à percepção que os pais e a mãe tinham acerca dessas mesmas famílias. Kofkin et al. (1995) afirma que as crianças com menor preconceito étnico conversam mais abertamente sobre as diferenças étnicas em casa e, segundo Watson (1984) as crianças que estudaram famílias na escola tinham uma maior probabilidade de compreender melhor diferentes conceitos de família. No entanto, este resultado poderá ser reflexo não só de uma consciencialização precoce acerca das diferentes famílias por parte das crianças, mas sim uma reprodução daquilo que acreditam ser a crença dos seus pais.

De uma maneira geral este estudo parece ter resultados concretos acerca do preconceito que existe relativamente às famílias homoparentais. No entanto, encontram-se algumas limitações que importa referir. Essas limitações prendem-se com o facto da amostra de participantes ter sido significativamente menor do que a esperada. Esta redução, de 50% da amostra, foi a totalidade de participantes com mais de 10 anos de idade, o que interferiu não só na totalidade da amostra como na sua diversidade etária, podendo justificar a impossibilidade de confirmar algumas hipóteses colocadas. Uma amostra mais diversificada teria possibilitado resultados mais interessantes. Outra limitação prende-se com a não validação do instrumento, que tornou os resultados meramente sugestivos. A não validação do instrumento adaptado relaciona-se com a difícil possibilidade de conseguir validar o instrumento para a realização desta investigação. Assim, optámos por utilizar o instrumento tal como se encontrava, sendo no entanto traduzido e retrovertido por dois juízes bilingues independentes de forma a conferir uma maior fiabilidade ao estudo.

Outra limitação prende-se com o facto de não poderem ser utilizadas palavras como gay e lésbica que poderá ter limitado de certa forma o estudo, impossibilitando a compreensão e aprofundamento de algumas respostas.

Seria interessante a replicação desta investigação com uma maior amostra e diversidade etária (tanto com crianças mais novas como com crianças mais velhas). Trabalhos futuros poderão centrar-se num trabalho de projecto que se debruce no planeamento e elaboração de um programa para as escolas que invista na consciencialização e sensibilização para a diversidade. Seria igualmente importante procurar explicar de uma forma mais directa o desenvolvimento do preconceito sexual nas crianças, adaptando instrumentos utilizados em estudos sobre a compreensão do desenvolvimento do preconceito étnico infantil.

Devido à falta de investigação sobre a existência ou não de preconceito sexual nas crianças e sobre a origem do mesmo, este estudo é um contributo para o início da investigação na área do desenvolvimento do preconceito com base na orientação sexual em crianças, sendo pioneiro em Portugal. A maioria das crianças tem percepções negativas sobre famílias homoparentais, o que torna urgente a continuação de investigação nesta área, sendo necessário uma intervenção mais prática, para diminuir a percepção negativa relativamente a pessoas e famílias lésbicas e gays.

VI. REFERÊNCIAS

- About, F.E. (1988). *Children and Prejudice*. Cambridge, MA: Blackwell.
- About, F.E., & Amato, M (2001). Developmental and socialization influences on intergroup bias. In R. Brown & S. Gaertner (Eds.), *Blackwell's handbook of social psychology: Intergroup processes* (pp.65-85). Malden, MA: Blackwell.
- Alarcão, M. (2002). *(Des)Equilíbrios Familiares*. Coimbra: Quarteto.
- Allport, G. (1954). *The nature of prejudice*. Cambridge: Addison-Wesley
- Block, J.H (1973). Concept of sex role: Some cross cultural and longitudinal perspective. *American Psychologist*, 2d, 512-526.
- Bos, H.M.W., Van Balen, F., Van Den Boom, D.C. (2005). Lesbian families and family functioning: *An overview. Patient Education & Counseling*, 59, 263-275
- Brewaeys, A. (2001). Review: parent-child relationships and child development in donor insemination families. *Human Reproduction Update*, 7, 38-46.
- Brown, R. (1995). *Prejudice. Its social psychology*. Oxford, UK: Blackwell.
- Camino, L., & Pereira, C. (no prelo). O papel da Psicologia na construção dos direitos humanos: Análise das teorias e práticas psicológicas na discriminação do homossexualismo. Em F. Guimarães (Org.). *A interdisciplinariedade em questão*. Campina Grande: UEPB
- Cardwell, M. (1996). *Dictionary of Psychology*. Chicago IL: Fitzroy Dearborn
- Cochran, S.D., & Mays, V.M. (1994). Depressive distress among homosexually active African American men and woman. *American Journal of Psychiatry*, 151, 524-529.
- Conger, J. (1975). Proceeding of the American Psychological Association. *American Psychologist*, Incorporated for the years 1974: Minutes of the annual meeting of the council of representatives: *American Psychologist*, 30, 620-651.
- Costa, P.A., Pereira, A., & Leal, I.P., (2012). Homoparentalidade: O estado da Investigação e a procura da Normalização. *Psicologia*, vol. XXVI, 2012. Ed. Colibri, 1, 55-69.
- Devine, P.G. (1989). Stereotypes and prejudice: their automatic and controlled componentes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56, 5-18.
- Dorai, M. & Deschamps, J. C. (1990). Adresse-t-on les mêmes stereotypes aux enfants et aux adultes de même groupe ethnique? *Revue Internationale de Psychologie Sociale*, 3, 575-590.

- Emmerich, W., (1982). Nonmonotonic developmental trends in social cognition: The case of gender identity. In S. Strauss (Ed.), *U-shaped Behavioural Growth*, Academic Press, New York, p. 249-269.
- Eurobarómetro (2007). Special Eurobarometer: “Discrimination in the European Union”
Retirado de http://ec.europa.eu/public_opinion/archives/ebs/ebs_296_en.pdf
- Eurobarómetro (2008). Discrimination in the European Union 2008, Results for Portugal.
Retirado http://ec.europa.eu/public_opinion/archives/ebs/ebs_296_sheet_pt.pdf
- Ferreira, P. M. Valores morais: as noções de “certo” e de “errado” na transição pós-moderna. In: Vala, J.; Cabral, M. V.; Ramos, A. (Eds.), *Valores sociais: Mudanças e contrastes em Portugal e na Europa*. Lisboa: ICS, 2003. p. 95-122.
- França, X. D. & Monteiro, M. B. (2004). A expressão das formas indirectas de racismo na infância. *Análise Psicológica*, 4 (XXII), pp. 705-720.
- Frazão, P., & Rosário, R. (2008). O coming out de gays e lésbicas e as relações familiares. *Análise Psicológica*, 1 (XXVI), pp. 25-45.
- Fulcher, M., Sutfin, E. L., Patterson, C.J. (2008). Individual Differences in Gender Development: Associations with parental sexual orientation, attitudes, and division of labor. *Sex Roles*, 58 (7-8), 330-341.
- Gates, G.J., Badgett, M. V. L., Macomber, J. E., & Chambers, K. (2007). *Adoption and foster care by gay and lesbian parents in the United States*. Los Angeles: UCLA School of Law Williams Institute.
- Goldberg, A. (2010). *Lesbian and Gay Parents and Their Children: Research on the Family Life Cycle*. Washington DC: American Psychological Association.
- Golombok, S., & Tasker, F. (1996). Do parents influence the sexual orientation of their children? Findings from a longitudinal study of lesbian families. *Developmental Psychology*, 31, 3-11.
- Golombok, S., Perry, B., Burston, A., Murray, C., Mooney-Somers, J., Stevens, M. & Golding, J. (2003). Children with lesbian parents: a community study. *Developmental Psychology*, 39, 20-33.
- Gollnick, D.M., & Chiin, P.C. (2002). *Multicultural education in a pluralistic society* (6th ed.). Upper Saddle River, NJ: Pearson Education Inc.
- González, M.M., Chácon, F., Gómez, A., Sánchez, M.A., & Morcitto, E. (2003). Dinámicas familiares, organización de la vida cotidiana y desarrollo infantil y adolescente en familias homoparentales. *Estudios e investigaciones 2002* (pp. 521-606). Madrid: Oficina del Defensor del Menor de la Comunidad de Madrid.

- Greenberg, D. F. & Bystryn, M. (1982). Christian intolerance of homosexuality. *American Journal of Sociology*, 88, 515-548.
- Herek, G. (2000). Homosexuality. In A. Kadzin, *Encyclopedia of Psychology* (Vol. 4, pp. 149-153). Washington; New York: American Psychological Association; Oxford.
- Herek, G. M. (2004). Beyond “homophobia”: Thinking about sexual stigma and prejudice in the twenty-first century. *Sexuality Research and Social Policy*, 1(2), 6–24.
- Herek, G.M, Kimmel, D.C., Amaro, H., & Melton, G.B. (1991). Avoing heterosexist bias in psychological research. *American Psychologist* 46, 957-963.
- Herek, G. M., Gillis, J. R., & Cogan, J. C. (1999). Psychological sequelae of hate-crime victimization among lesbian, gay, and bisexual adults. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 67, 945-951.
- Héritier, F. (2000) A coxa de Júpiter. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis: CFH/UFSC, 8(1), 98-114.
- Hoffman (Eds), *Review of child development research* 311-371. New York: Russell Sage
- Kessler, R. C., Mickelson, K. D., & Williams, D. R. (1999). The prevalence, distribution, and mental health correlates of perceived discrimination in the United States. *Journal of Health and Social Behavior*, 40, 208-230.
- Kofkin, J.A., Katz, P.A., & Downey, E.P. (1995) Family discourse about race and the development of children’s racial attitudes. *Paper presented at Society for Research in Child Development meeting*, Indianapolis.
- Kohlberg,L.K. (1966). A cognitive-developmental view of sex role development, in E.Maccoby (ed) *The Development Of Sex Differences*. Sranford, California: Stanford University Press
- Mischel, W. (1968). *Personality and Assessment*. New York:Wiley
- Naphy, W. (2006). *Born to be Gay: História da homossexualidade*. Lisboa: Edições 70
- Nogueira, C., Oliveira, J. M., Almeida, M. V., Costa, C. G., Rodrigues, L., & Pereira, M. (2010). *Estudos sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*. Lisboa: Comição para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- Navarro, F., Llobell, P., & Bort, M. (2004). Hijos de padres homosexuales: qué les diferencia. *V Congreso Virtual de Psiquiatría*. Universitat de València.
- Nesdale, D. (1999) Ethnic prejudice in children: A social identity model. In P.R. Martin & W.Noble (Eds), *Psychology and Society* (pp.92-110). Brisbane, Australia: Australian Academic Press.

- Nesdale, D. (2001). Language and the development of children's ethnic prejudice. *Journal of Language and Social Psychology, 20*, 90-110.
- O'Brien, M., & Huston, A.C. (1985). Development of sex-typed play behavior in toddlers. *Developmental Psychology, 21*, 866-871.
- Patterson, C.J. (1995). Sexual Orientation and Human Development: An Overview. *Developmental Psychology, 31* (1), 3-11.
- Patterson, C. J., & Chan, R. W. (1997). Gay fathers. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (3rd ed., pp. 245-260). New York: Wiley.
- Porter, J. D. R. (1971). *Black child, white child: The development of racial attitudes*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Patterson, C.J. (2000). Family relationships of lesbian and gay men. *Journal of Marriage and Family, 62*, 1052-1069.
- Patterson, C.J. (2005). Lesbian and Gay Parents and Their Children: Summary of Research Findings. I In G. Harper, R. Buhrke, S. Dworkin, L. Silverstein & B. Doll (Eds), *Lesbian & Gay Parenting*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Phinney, J. S., & Chavira, V. (1992). Ethnic identity and self-esteem: An exploratory longitudinal study. *Journal of Adolescence, 15*, 271-281.
- Poeschl, G., Venâncio, J., & Costa, D. (2012). Consequência da (não) revelação da homossexualidade e o preconceito sexual: o ponto de vista das pessoas homossexuais. *Psicologia: revista da Associação Portuguesa de Psicologia, Vol.26 n° 1*, pp.33-53 Association.
- Proshansky, H.M. (1966). *The development of intergroup attitudes*. In L. W. Hoffman & M.L.
- Raabe, T., & Beelman, A. (2011). Development of ethnic, racial, and national prejudice in childhood and adolescence: A multinational meta-analysis of age differences. *Child Development, 82*, 1715-1737
- Riskind, R. G., & Patterson, C. J. (2010). Parenting intentions and desires among childless lesbian, gay, and heterosexual individuals. *Journal of Family Psychology, 24*, pp.78-81
- Saphira, M. E. (1989). *Children's Understanding of Sexual Orientation*. University of Auckland.
- Schadron, G., Morchain, P. & Yzerbyt, V. (1996). Le rôle de la fonction explicative dans la genèse des stéréotypes. *Les Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale, 31*, 11-23.

- Schneider, D. J. (2004). *The psychology of stereotyping*. New York: Guilford.
- Stevenson, H. W., & Stevenson, N.G. (1960). Social interaction in an interracial nursery school. *Genetic Psychology Monographs*, 61, 37-75.
- Stoddard, T., & Turiel, E. (1985). Children's concepts of cross-gender activities. *Child Development*, 56, 1241-1249.
- Tajfel, H. (1982). *Grupos humanos e categorias sociais*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Tasker, F. & Golombok, S. (1997). *Growing up in a Lesbian Family: Effects on Child Development*. NY: Guilford Press.
- Urberg, K.A. (1979). Sex role conceptualisations in adolescents and adults. *Developmental Psychology*, 15, 9-92.
- Vecho, O. & Schneider, B. (2005). Homoparentalidade et développement de l'enfant: Bilan de trente ans de publications. *La Psychiatrie de l'Enfant*, 481, 271-328.
- Wainright, J. L., Russel, S. T. & Patterson, C.J. (2004). Psychosocial adjustment, school outcomes, and romantic attractions of adolescents with same-sex parents. *Child Development*, 71, 1886-1898.
- Watson, M. W. (1984). Development of social role understanding. *Developmental Review*, 4, 192-213.
- Yzerbyt, V., Rocher, S. & Schadron, G. (1997). Stereotypes as explanations: A subjective essentialistic view of group perception. Em R. Spears, P. Oakes, N. Ellemers & S. Haslam (Orgs.), *The social psychology of stereotyping and group life* (pp. 20-50). Oxford: Blackwell.
- Zajonc, R.B. (1980). Feeling and thinking: Preferences need no inferences. *American Psychologist*, 35, 151-175.
- Zambrano, E. (2006). Parentalidades "Impensáveis": Pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. *Horizontes Antropológicos*, 12 (26), pp. 123-147.

VII. ANEXOS

Anexo A

Informação sobre o estudo para os estabelecimentos de ensino



Exmo/a Senhor/a Director/a,

Sou estudante de Mestrado de Psicologia Social da Saúde, no Instituto Universitário de Lisboa – ISCTE-IUL. No âmbito da minha dissertação de mestrado, procuro estudar o conhecimento e as atitudes que as crianças e jovens têm sobre os papéis familiares e diferentes famílias (família nuclear, família monoparental e família homoparental).

Para a recolha de dados sobre as dimensões em estudo pretendo mostrar, aos alunos que forem autorizados e seleccionados, alguns desenhos de famílias, para entender as suas percepções dos papéis de marido, esposa, mãe, pai e filha.

Os alunos serão também convidados a jogar um jogo em que terão de colocar mensagens em caixas de correio dos vários tipos de famílias, de forma a indicarem as suas atitudes para com as diferentes conjunturas familiares da nossa sociedade.

Neste sentido, peço autorização à vossa instituição para a recolha de dados. A participação levará cerca de 10 a 15 minutos. Pretendia recolher os dados junto de crianças com idades compreendidas entre os 8 e os 13 anos, após o respectivo consentimento do/a encarregado/a de educação (conforme anexo). Será também assegurada a participação voluntária das crianças e a confidencialidade dos dados. A base de dados será para uso exclusivo deste estudo académico.

Termino afirmando que me encontro disponível para reunir convosco, caso o desejem, e disponibilizar mais esclarecimentos sobre o estudo.

Obrigada pela cooperação,

Anexo B

Termo de consentimento informado para os encarregados de educação



Caros/as encarregados/as de Educação,

Uma investigadora de Mestrado em Psicologia Social da Saúde do Instituto Universitário de Lisboa – ISCTE-IUL virá ao colégio do/a seu/sua educando/a, para realizar um estudo com alguns dos alunos. Essa mestranda, licenciada em Educação Básica, está interessada em perceber como é que as crianças percebem os papéis e a diversidade de estilos familiares (famílias nucleares, famílias monoparentais e famílias homoparentais). O conhecimento das crianças e as suas atitudes sobre as mudanças de papéis familiares ao longo dos últimos anos são o principal interesse desta dissertação de mestrado.

Não serão ensinadas novas ideias aos alunos, sendo simplesmente avaliado o que eles entendem dos diferentes estilos familiares. Além disso, os dados resultantes deste estudo serão confidenciais, sendo divulgados e apenas os resultados globais por grupos etários, sem qualquer informação que leve à identificação dos respectivos participantes ou suas famílias.

Aos alunos que forem autorizados e seleccionados para o estudo serão mostrados alguns desenhos de famílias, para explicar a sua compreensão dos papéis de marido, esposa, mãe, pai, filho e filha. As crianças serão também convidadas a jogar um jogo em que terão de colocar mensagens em caixas de correio desses vários tipos de famílias, de forma a indicarem as suas atitudes para com as diferentes conjunturas familiares da nossa sociedade.

A participação do/a seu/sua educando/a terá a duração de cerca de 10 a 15 minutos e nós acreditamos que ele/a irá sentir esta tarefa como interessante e divertida.

Se autorizar a participação do/a seu/sua educando/a, solicitamos que envie este consentimento assinado.

Obrigada pela sua cooperação

Anexo C
Questionário

Perguntas demográficas

Sexo _____

Idade _____

Nacionalidade _____

Ano de escolaridade _____

Com quem vives ?

Que outros tipos de famílias conheces ?

Itens	Famílias						
	Nuclear	Monoparental feminina	Monoparental masculina	Homoparental masculina	Homoparental feminina	Casal sem filhos	Sr. Ninguém
1. Esta família é muito simpática							
2. Esta família é muito esquisita							
3. Esta família nunca me deixa ficar mal							
4. Esta família tem mau humor.							
5. Não podemos brincar com esta família.							
6. Esta família é muito divertida.							
7. Esta família faz queixa de mim.							
8. Esta família ajuda sempre os outros.							
9. Esta família							

estraga o divertimento dos outros.							
10. A minha mãe faz um alarido sobre esta família.							
11. Eu gosto desta família.							
12. Esta família resmunga demais.							
13. Esta família é muito querida.							
14. Eu não gosto desta família.							
15. A minha mãe gosta mais desta família.							
16. Eu quero viver com esta família.							
17. Esta família deixa-me							

zangado/a.							
18. Quando crescer quero uma família como esta.							
19. Eu não quero esta família na nossa rua.							
20. O meu pai não gosta desta família							
21. Gostava que esta família tomasse conta de mim.							
22. Quero que esta família se vá embora.							
23. Eu quero abraços desta família.							
24. Eu não acho que esta família seja uma boa família.							

25. O meu pai gosta mais desta família.							
26. Esta família quer estar comigo.							
27. Esta família vai-me bater.							
28. Esta família entende-me realmente.							
29. Esta família queixa-se.							
30. Esta família gosta de me ajudar.							
31. Sinto-me esquisito nesta família.							
32. O meu professor gosta mais desta família.							
33. Esta família gosta de mim.							

34. Esta família é demasiado ocupada para ter tempo para mim.							
35. Esta família brinca comigo.							
36. Nesta família sinto-me com medo.							

Anexo D
Instrumentos e tradução (itens)

Itens da Tarefa na Discriminação Familiar
Items for the Family Discrimination Task

Frases adaptadas do Teste da Bene-Anthony sobre Relações Familiares.
Phrases adapted from the Bene-Anthony Test about Family Relations

Positive Sentences (Frases positivas)

1. This family is very supportive. (Esta família é muito simpática.)
2. This family never lets me down. (Esta família nunca me deixa ficar mal.)
3. This family is very fun. (Esta família é muito divertida.)
4. This family always helps others. (Esta família ajuda sempre os outros.)
5. This family is very kind. (Esta família é muito querida.)
6. I like this family. (Eu gosto desta família.)
7. I want to live with this family. (Eu quero viver com esta família.)
8. When I grow up, I want a family like this one. (Quando crescer, quero uma família como esta.)
9. I like that this family takes care of me. (Gostava que esta família tomasse conta de mim.)
10. I want hugs from this family. (Eu quero abraços desta família.)
11. This family likes me a lot. (Esta família gosta muito de mim.)
12. This family wants to play with me. (Esta família quer brincar comigo.)
13. This family wants to be with me. (Esta família quer estar comigo.)
14. This family understands the real me. (Esta família entende-me realmente.)
15. This family likes to help me. (Esta família gosta de me ajudar.)

Negative Sentences (Frases negativas)

16. This family is very weird. (Esta família gosta de me ajudar.)
17. This family has a bad sense of humor. (Esta família tem mau humor.)
18. This family complains about me. (Esta família faz queixa de mim.)
19. This family spoils other people's fun. (Esta família estraga o divertimento dos outros.)
20. This family complains too much. (Esta família resmunga demais.)
21. I do not like this family. (Eu não gosto desta família.)
22. This family makes me angry. (Esta família deixa-me zangado/a)
23. I do not want this family on my street. Eu não quero esta família na nossa rua.)
24. I want this family to go away. (Quero que esta família se vá embora.)
25. I do not think this family would be a good family (Eu não acho que esta família seja uma boa família.)
26. I feel like the odd person out in this family. (Sinto-me esquisita nesta família.)
27. This family is too anxious to have time for me. (Esta família é demasiado

- ocupada para ter tempo para mim.)
28. This family makes me afraid. (Nesta família sinto-me com medo.)
 29. This family is going to beat me. (Esta família vai-me bater.)
 30. This is a family of complainers. (Esta família queixa-se.)

Frases de Oportunidade Social

31. We cannot play with this family. (Não podemos brincar com esta família.)
32. My mother makes a fuss about this family. (A minha mãe faz um alarido sobre esta família.)
33. My father does not like this family. (O meu pai não gosta desta família.)
34. My mother likes this family very much. (A minha mãe gosta mais desta família.)
35. My father likes this family very much. (A minha mãe gosta mais desta família.)
36. My teachers like this family very much. (O/A meu/minha professor/a gosta mais desta família.)

